

EPOPEIA
ACREANA



Farias Gama

POEMETO

ACREANA

IASCORÇO

No extremo Noroeste do Brasil, uma região inexplorada e rica, tentava a rubiça dos aventureiros. Duvidosa era a po-se.

Embarcantes brasileiros, cearenses na sua maioria, acossados pela seca, vinham se localizando no território impestado de miasmas, perigoso pela sua extensão dilatada, morada de feras, em cujo convívio os homens se ferocificavam.

Com primeiros chegados, tornavam-se senhores e extendendo o seu domínio, mandavam arrendar as suas terras. Da que era esta imigração, feita em barba-ricas condições, muitos testemunhos dão notícia.

20 anos depois, de 1898 em diante, com a noticia dos lucros, o pretense dono, a Bolivia, começou a impor severas leis aos exploradores.

Movimentos de repressão, patrocinados todos pelo Estado do Amazonas, ao qual por direito, pertencia o territorio, foram levados a efeito.

Foi primeira rebelião, a de Antimarí, com deposição do ministro boliviano. Depois, um arrendado de independencia, a aliás bem organizada Republica do Galvez, movimento que o governo brasileiro sufocou. Ainda outro movimento do mesmo Galvez. Uma revolta chetada por Maciel e O. Lopes, afóra pequenas sublevações que suscitadas pelos bolivianos, redundaram em castigos cruéis aos amotinados.

Esse estado de coisas, durou até Agosto de 1902, quando chegou a noticia do arrendamento da região, feito pela Bolivia a BOLIVIAN SINDRATA, companhia estrangeira, o que apressou a rebelião.

Da o Governo do Amazonas arrendou um preposto, PLACIDO DE CASTRO, homem de provada energia,

da escola de patriotismo do Rio Grande do Sul e que reunido a José Galdino, rico proprietário do lugar, viera com poucos elementos, enfrentar o inimigo representado por algumas centenas de soldados bem armados e municiados em varios fortins.

A luta se iniciou pela madrugada de 6 de Agosto de 1902, na Cidade de Napuri, séde do governo boliviano, dia em que a Bolivia comemorando o aniversario de sua independencia, ia mudar o nome d'aquela cidade para Sucre.

Ao ser prezo, o delegado boliviano, cel. Barrietas supondo que o acordavam para a festa, exclamou: Caramba! és temprano! Prezo, com as mais auctoridades, foi remetido escoltado para a sua patria.

Os insurretos, proclamaram a revolução, apoderando-se da cidade. A noticia da rebeldia, chegou ao forte de Puerto Alonso, de onde partiu um contingente para sufocalla. Outro contingente de revoltosos, foi lido ao encalço, encontrando o no lugar Empreza, onde foi a luta deazastroza para os nossos. Vitoriosos os bolivianos atacaram o barracão Telheiro, massacrando os habitantes, incluzo as criansas. Entretanto, novamente apresentavam-se os revoltosos, para dar combate aos bolivianos entrincheirados em Santa Rosa, onde foram vencidos. D'ái, a columna vitorioza, engrossada com os elementos recrutados n's seringais, seguiu para Costa Rica, provído emporio boliviano, guiada por um menino da região. Em via em, encontraram uma sentinela, que escapando-lhes deu rebato. Prossimos ao barracão o guia foi alvejado, caindo morto, enquanto os acreanos, avançavam de roje sob o tiroleio.

Travou se o combate. Depois de algumas horas de luta infrutifera, não obstante grande numero de mortos e feridos, resolveram os acreanos incendiar o barracão sob cujo amparo, as trincheiras maningas os hostilizavam. Para tão aforta empreza, oferecerem se o mestiço "Pierrel" e azas, que acompanhando por outro, o "Chico diabo", via com os ferros e rezinas, pelo tempo da noite, sob o tiroleio dos dois campos, até aos beirais

do barracão, incendiando-o. Descobertos pelo chifão, foram apanhados, morrendo "viza nas azas".

Ruiu o barracão, e e o pouco era fardo o combate.

Retiraram-se as forças vencedoras para Xapuri, esboçando penosamente em redes, 36 feridos graves.

Continuando em guerrilhas, bateram-se, um troço acreano em Igarapé da Uta, sendo derrotado, pois os bolivianos com flexa incendiaram o barracão que decahou sobre as trincheiras, sepultando-o.

Durante estas ações, as privações da guerra obrigaram os combatentes a se alimentar por muitos dias seguidos, de milho seco e cru.

De parte a parte o saque campejava. Dois traidores espíões, foram fuzilados.

Vencidos os bolivianos do Alto Acre, os acreanos, num supremo esforço, reuniram-se, para atacar o forte núcleo de Puerto Alonso. Foi este o maior combate da revolução e no qual Plácido revelou-se habil estrategista, sitiando a praça e cortando a comunicação com a água, para então iniciar o combate.

Os bolivianos haviam posto uma corrente, interrompendo a passagem do navio brasileiro "Independência".

Durante a noite, o chileno Salinas e o italiano Costa soldados da revolução, prozejidos pela fuzilagem, removeram-na. A passagem foi feita sob uma chuva de balas, morrendo apenas o praticante.

Com mais alguns dias de fogo, os bolivianos capitularam, sendo aprisionados. Fando o presidente, sabedor da derrota, resolveu decer com o grosso do exército à arena. Destemerezos os acreanos seguiram em marcha forçada por alguns dias e noites, indo encontrar-se fora do território contestado, nas margens do Igarapé da Gironda, onde se travou uma grande batalha, porque ali os alcançou o "modus vivendi" do governo brasileiro sustentando a revolta.

Os chefes foram matriculados pelos soldados legais.

Resolvido o pleito diplomático, o Brasil o incontestemente domínio sobre o Acre, o governo como sempre abandonou a região aos seus destinos. Plácido

o chefe desprezado, continuou descontente. Após anos de vergonhosas politiquices, companheiros de revolta, a tiros e de embo-cada, assassinaram o revindicado.

A região continua a ser um abandonado e contestado, não obstante as fabulosas rendas!!!...

Um dia, inimigos da minha altivez, arrojaram-me num carcere. Foi então que resolvi mais amplamente servir-me desta faculdade, que embora má, me acompanhava desde a infancia — o trovar. Rebusquei o motivo. Era a Revolta do Acre. Quiz tanger a lira, mas não encontrei-a. Num carcere um carrilhão.

Vieram as primeiras trovas, veio o interesse pela dor dos meus irmãos, hoje como hontem, eu e eles oprimidos pelos que neste rincão exercem a crueldade — hontem o invazor, hoje os enviados legais.

Trovei. O assunto era digno do cantor dos Luziadas, infelizmente eu estou muito aquém. Também não pude ser o cantor popular, fiquei parrando entre as belezas de ambos, sem conseguir empolgarlas infinitamente que fosse. Entrê dois porticos, um escombros. Eis a obra; perdoe a critica. Quiet-me pelas narrativas mais fiéis. Não rebusquei, nem ataviei, preferindo a verdade da historia, aos laureis do romancieiro.

Este o merito; ter condensado as narrativas dolorozas e sinceras dos veteranos da Epopeia, esquecidos, abandonados, como o livro talvez o será, dois minutos após o olhar indifferente do esclarecido leitor.

Acre — 1919

Fariás Gama.

N.F. — Este folheto, além de ser a primeira obra literaria, ideada, escrita e editorada no Acre, foi acabado em 15 dias ficando por isso cheio de graves incorrecções graficas e litograficas. Desculpas.

INTRODUÇÃO

I

*Al quem dera, tivesse eu de Virgilio,
ou da alquebrado e desditoso Homero,
de um a graça gentil e doce idilio,
de outro o trovar alliloquente e austero,
para em versos compor esta Epopiea
dos Brazilios Heroes Nova Ulissea*

II

*Fui cenario da pugna gigante,
que em balde em versos tento descrever,
a mola colossal e verdejante
impossivel as vezes de vencer.
Foi la nos seus meandros naturais
que o invasor plantara os ferratais.*

III

*Bandeirantes imparidos transponho
os perigos que a muitos dizimavam,
iam o fero solo conquistando
e da raça os valores afirmavam,
aqui, vencendo feras e malcitas,
ali, dos indios as falazes peitas.*

IV

*Logo assanhou-se a rispida coorte
que la e a seu talante campeava:
por arma a traição, por jus a morte,
com tal rigor a todos manictava,
empregando castigos permitidos
aplicar, não a homens, a bandulos.*

V

*Fora preciso não vibrar no peito
daqueles bravos, corações guerreiros,
de qual mais decidido e mais afeito:
os Camarões, Henriques e Negreiros,
pra que vingasse a ofensa e dezacato,
sem dos nossos completo desbarato.*

VI

Foi a lide sangrenta e porfiada
contra inimigas fortes, poderozos;
e lantias, tantas vezes renovada
contra acervos de males temeroros,
a luta sem quartel e sem guarida,
a luta peito a peito e vida a vida.

VII

A fome, a sede, os soes, males sem conta
os caminhos juncavam de finados,
mas preizo é vencer, a tanto monta
o dever de brazilios e soldados,
e a luta recrudece e se avigora,
na Patria mesma que os esquecer inora.

VIII

Centenares de soes foram passados,
antes que pelo arco da victoria
fossem os grilhões do povo espedaçados

.....
Mas, que vejo? Um cadaver sobre a gloria,
o cadaver do nobre salajario,
prostrado pela clava de cum sicario.

CANTO I

I

*Do Ceará, do Rio Grande e muitos
estados do Nordeste, brasileiros
acossados dos males nãis fortuitos
emigravam aos milhares, forasteiros
que assim fugiam do terrão natal
sob o guante da seca, o grande mal.*

II

*Homens feitos em todos os rigores
da natureza ou do trabalho insano,
destemidos, audazes, peledores,
eíl-os em quatro paus transpondo o oceano,
eíl-os na dorso de azedega montada
torrendo a rez brãcia em disparada.*



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**